

**OS MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL
NAS TIRINHAS DE MAFALDA**

Adília Alves Pereira (FAFIA)

adilinhhalves@gmail.com

Adriana de Medeiros Marcolano Thebas (FAFIA)

adriana-marcolano@hotmail.com

Luciene Pinheiro de Souza (FAFIA)

lpsouza@hotmail.com

Maria Francisca Moreira Sobreira (FAFIA)

mariafrancisca58@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho consiste na análise dos mecanismos de coesão textual nas tirinhas de Mafalda. Nosso trabalho tem como base a linguística textual que tem como objeto de estudo não mais a palavra ou frase isolada, mas o texto, considerando a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica através de texto e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser exemplificados no interior do texto. A opção de utilização das tirinhas de Mafalda como estratégia por meio de coesão facilitará a produção e a compreensão no emprego e identificação de mecanismos de coesão no texto de alunos e em outros textos. Para tal entendimento, inicialmente, abordaremos a linguística textual, a coesão no texto, os mecanismos de coesão textual nas tirinhas de Mafalda e o efeito humorístico, a utilização deste como estratégia pedagógica e análise do corpus, para por fim tecer as considerações finais.

Palavras-Chave: Coesão. Coerência. Linguística Textual.

1. Introdução

A coesão é um elemento fundamental para a compreensão do texto. A necessidade de conhecimento nos leva a investigar os mecanismos de coesão textual nas tirinhas de Mafalda. Além de seduzir o leitor pelo seu encantamento, as tirinhas de Mafalda apresentam mecanismos de coesão e ainda causam o efeito de humor sobre os leitores.

Objetivamos neste estudo identificar os mecanismos de coesão nas tirinhas bem como seu efeito de humor sobre o leitor; analisar tirinhas de texto que apresentam a coesão textual; identificar o humor nas tirinhas e a utilização como estratégia de ensino por meio de coesão textual, bem como reconhecer a contribuição da linguística textual no estudo do texto. Acreditamos que essa análise seja de suma importância, pois os professores podem utilizar tirinhas de Mafalda para facilitar a produção

de texto e ajudar o aluno a identificar os mecanismos em outros textos, além de ser uma leitura agradável e interessante aos alunos.

2. Linguística textual

A linguística textual descreve alguns fenômenos que ocorrem na história da língua e seus estudos contribuem para o aprimoramento de nossos conhecimentos.

Segundo Koch (1994), ela surgiu, inicialmente, na Europa na década de 60. Teve preocupação em descrever os fenômenos sintáticos semânticos ocorrentes entre enunciados ou sequência de enunciados. É somente a partir de 1980 que ganham corpo as teorias do texto. A autora (1994) afirma que as teorias do texto são várias, embora fundamentadas em pressupostos comuns, apresentam vertentes diferentes. Koch (1994) cita os principais representantes de cada uma delas:

Beaugrande e Dressler se dedicam ao estudo dos principais critérios ou padrões de textualidade e do processo cognitivo do texto.

Givón e outros estudiosos filiados à linha americana de análise do discurso – preocupados de um lado, com as formas de construção linguística do texto enquanto sequência de frases de outro lado com a questão do processamento cognitivo de texto.

Weirinch – seus trabalhos objetivam a construção de uma macrosintaxe do discurso, com base no tratamento textual de categorias gramaticais como os artigos e os verbos. Para ele, o texto é uma sequência linear de lexemas e morfemas que se constituem o contexto e toda linguística é necessariamente linguística de texto.

Van Dijk tem um trabalho voltado, particularmente, ao estudo das macroestruturas textuais e, em virtude disto, à produção de resumos: e ao das superestruturas ou esquemas textuais e, portanto, à questão das tipologias do texto. Desde 1985, Van Dijk vem se aproximando cada vez mais da linha francesa da análise do discurso.

Petöfi empenhou-se a princípio construção de uma teoria semiótica dos textos verbais.

Para Schmidt a textualidade é o modo de toda e qualquer comunicação transmitida por sinais, inclusive os linguísticos.

Para explicar os pontos comuns às várias correntes, Marcuschi

(1983, p. 12-13) apresenta uma definição provisória de linguística textual:

Proponho que se veja a linguística do texto, mesmo que provisória e genericamente, como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e funcionamento e recepção de textos escritos e orais. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível de constituintes linguísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações a nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a linguística textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas.

Segundo este mesmo autor (1983), a linguística textual toma como objeto de estudo não mais a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem só se comunica através de texto e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. Interessante é que o autor ressalta, ainda que a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; isto é, sim, de ordem qualitativa.

Costa Val (1999) afirma que um dos pontos que a linguística textual está sempre em discussão é o eu faz de um texto um texto. Ou seja, o que vai diferenciar um texto de outros escritos que não é considerado texto. Para compreender o que o que é um texto, deve-se atentar primeiramente para o fato de que ele não pode ser visto como um aglomerado de frase. De acordo com Bastos Lucia (1985, *apud* COSTA VAL, 1999):

Um texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa, o texto constitui uma unidade semântica e finalmente, se caracteriza por sua unidade formal, material. (COSTA VAL, 1999, p. 3)

Entende-se aqui que para que um texto seja um texto e não apenas uma sequência de frases é necessário apresentar a textualidade.

Em concordância com Halliday & Hasan (1986, in VALENTE, 1999, p. 130), concebem o fenômeno da textualidade como uma rede de relações que fazem com que um texto não se reduza a uma simples somatória de frases; antes revelam uma conexão entre as intenções, as ideias e as unidades linguísticas que o compõem, por meio de encadeamentos de enunciados dentro do quadro estabelecido pela enunciação.

A partir dessas afirmações, pode-se dizer que o sentido do texto não está em si, todavia decorre de uma série de fatores. Beaugrande e Dressler (1983, *apud* COSTA VAL, 1999, p. 5) asseveram que a coerên-

cia e a coesão são alguns dos fatores responsáveis pela textualidade de um discurso qualquer.

Costa Val (1999) afirma que a coerência é o fator fundamental da textualidade, pois, ela é quem dá sentido ao texto. A coerência envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos entre os interlocutores. A partir desta afirmação, podemos dizer então que o sentido do texto só pode ser construído com a relação do produtor com o receptor que o receptor precisa ter conhecimentos necessários para interpretar o texto.

A coerência se refere à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto. Est sentido, evidentemente, deve ser global (KOCH & TRAVAGLIA, 2003, p. 21)

Costa Val, (1999) assevera que um discurso é aceito como coerente quando apresenta uma configuração compatível com o conhecimento de mundo do receptor.

3. Coesão no texto

A coesão é a união, a ligação, o entrelaçamento das ideias do texto. De acordo com Platão & Fiorim (1995), a coesão de um texto depende muito da relação entre as orações que formam os períodos e os parágrafos. Os períodos compostos precisam ser relacionados por meio de conectivos adequados, a função dos conectivos no texto é pôr em evidência as várias relações de sentido que existem entre os enunciados. Para cada tipo de relação que se pretende estabelecer entre duas orações, existe uma conjunção que se adapta perfeitamente a ela.

Platão & Fiorim (1997) consideram como elemento de coesão

Todas as palavras que servem pra estabelecer elos, para criar relações entre segmentos do discurso tais como: então, portanto, já que, com efeito, porque, ora, mas, assim, daí, aí, dessa forma, isto é, embora, etc. Cada elemento tem um valor típico. Além de ligarem partes do discurso estabelece entre elas um certo tipo de relação semântica: causa, finalidade, conclusão, contradição, condição etc. (PLATÃO & FIORIM, 1997, p. 278).

É interessante observar o que os autores dizem a respeito dos elementos de coesão. Segundo Platão & Fiorim (1997), tais elementos não são formas vazias que podem ser substituídos entre si, sem nenhuma

consequência. Pelo contrário, são formas linguísticas portadoras de significados e por isso se prestam para ser usadas sem critérios. Pode-se tomar como exemplo a seguinte frase: “A casaca dele estava remendada, mas estava limpa” o conectivo, *mas* aqui dá ideia de adversidade, e não teria o mesmo sentido se o *mas*, fosse substituído pelo *porque*.

Fica claro nesse exemplo que se não for usado o conectivo adequado o texto fica incoerente.

Antunes (2005) afirma que a coesão resulta da uma série de relações que se estabelecem no texto. Por isso ele a chama de relação textual. Para ele tal relação, ou seja, os elos criados são de natureza semântica, isto e têm a ver com o sentido do texto.

Halliday & Hasan (1976, *apud* KOCK, 1994) apresentam o conceito de coesão textual, como um conceito semântico que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto fornecendo e que o definem como um texto. Para Beugrande & Dressler (1983, *apud* KOCK, 1994, p. 18),

A coesão concerne ao modo como os componentes da superfície textual – isto é, as palavras e fases que compõem um texto – encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Para Halliday & Hansan (1986), a coesão é uma condição necessária, embora não seja suficiente para a criação do texto. Pois existem textos que apresentam os elementos coesivos, mas de forma inadequada, gerando problemas na compreensão do texto, tornando-o incoerente.

3.1. Mecanismos de coesão nas tirinhas de Mafalda e o efeito humorístico

São várias as classes de palavras que têm a função básica de organizar o texto, atuando como elementos de coesão, dando ao interlocutor apoio para o processamento textual, através de indicações, ou ainda, estabelecendo uma ordenação entre os segmentos textuais.

Exercem essa função as preposições (*a, de, para, com, por...*); as conjunções (*que, quando, embora, para que, mas...*); os pronomes (*ele, eles, elas, seu, sua, este, esse, aquele...*) e os advérbios (*aqui, aí, lá, assim...*).

Há inúmeras propostas de classificação das relações coesivas que

podem ser estabelecidas formalmente num texto. Sem pretender criar aqui um modelo, mas apenas definir operações fundamentais de coesão presentes nos textos das tirinhas em quadrinhos que possam contribuir de alguma forma para a promoção do sentido e humor. A seguir serão analisados alguns procedimentos gramaticais empregados encontrados nas tirinhas de Mafalda, a fim de se conseguir a coesão e sua relação direta ou indireta com a construção do efeito de humor.

Fávero (2002) comenta que os elementos conjuntivos são coesivos não por si mesmos, mas indiretamente, em virtude das relações específicas que estabelecem entre orações, períodos e parágrafos.

Uma das maneiras mais eficazes de produzir um texto humorístico é utilizar recursos conhecidos como globais, ou seja, aqueles que permeiam por todo o texto fazendo parte de sua natureza interna. As conjunções fazem parte destes recursos globais, pois auxiliam na construção da gradação de ideias e também para criar um sentido lógico do qual o personagem vai se desviar, por acrescentar um dado novo que vai então provocar o riso por quebrar os padrões lógicos do sentido estabelecido pelo enunciado. Pode-se, então, verificar que as conjunções, indiretamente, colaboram na construção do humor.

Antunes (2005) afirma que os recursos coesivos são operações concretas pelas quais os procedimentos se efetivam. São operações de repetir, de substituir, de usar palavras semanticamente próximas, de usar uma conexão ou um outro tipo de conectivo.

Para Platão & Fiorim (1997, p. 70), existem dois tipos principais de mecanismos: “A retomada de termos, expressões ou frases já ditas ou sua antecipação e o encadeamento de segmentos no texto”.

De acordo com estes autores (1997), todos os termos que servem para retomar a outros são chamados anafóricos e quando antecipam são denominados catafóricos. São anafóricos *e/* ou catafóricos os pronomes demonstrativos (*este, esse, aquele*), os pronomes relativos (*que, o qual, cujo, onde*), certos advérbios e locuções adverbiais (*nesse momento, então, lá etc.*), os verbos *ser* e *fazer*, o artigo definido e o pronome pessoal de 3º pessoa (*ele, ela, lhe; o/a; lhe*). Um anafórico só pode ser utilizado se o termo que ele retomar estiver explicitamente mencionado. Nesse caso, ocorre a coesão por retomada de antecipação.

Muitas vezes para promover o humor, o autor da tirinha utiliza a quebra no sequenciamento do raciocínio desviando a significação refe-

rencial da fala dos personagens. Os recursos coesivos são empregados para criar no leitor uma expectativa que será quebrada, levando ao riso.

Platão & Fiorim (1997) afirmam que a coesão por encadeamento de segmentos textuais ocorre por meio de uma conexão, ou seja, feitos por conectores ou operadores discursivos, são palavras ou expressões responsáveis pela criação de relações entre segmentos de um texto.

Podemos citar como exemplos de operadores: *então, portanto, já que, com efeito, porque, ora, mas, assim, dai, dessa forma, isto é.*

É preciso levar em conta que cada um desses conectores, além de ligar as partes do texto, estabelece uma certa relação semântica (causa, finalidade, conclusão, condição etc.), que possui uma dada função argumentativa no texto. Quando se escreve, é preciso usar o conector adequado ao tipo de relação que se quer exprimir, com vistas à elaboração da argumentação. (PLATÃO & FIORIM, 1997, p. 375)

Platão & Forim (1997) esclarecem que há várias formas de utilização desses conectivos. Por exemplo, para explicar, confirmar ou ilustrar o que se disse antes se usa: *assim, desse modo*, que tem a função de exemplificar complementar.

Para anunciar o desenvolvimento do discurso e não apenas a repetição do que foi antes; indicar uma progressão semântica que adiciona ou acrescenta algum tipo dado novo usa-se o *e*. Caso não acrescente nada, constitui pura repetição e deve ser evitada.

Para introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão ou para incluir um elemento a mais dentro de um conjunto qualquer, usa-se o conectivo *ainda*.

Quando se introduz um argumento decisivo, apresentando como acréscimo, como se fosse desnecessário, justamente para dar golpe final no argumento contrário, usam-se os conectivos: *alias, além do mais, além de tudo, além disso*.

Para esclarecimentos, retificações ou desenvolvimento do que foi dito anteriormente usam-se: *isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras*.

Outros conectivos como: *mas, porém, contudo*, e outros conectivos adversativos: marcam oposição entre dois enunciados ou dois segmentos que não se opõem. Às vezes, a oposição se faz entre significados implícitos no texto.

Os conectivos *embora*, *ainda que*, *mesmo que* são relatores que estabelecem, ao mesmo tempo, uma relação de contradição e de concessão. Serve para admitir um dado contrário para depois negar seu valor de argumento. Trata-se de um expediente de argumentação muito vigoroso: sem negar possíveis objeções, afirma-se um ponto de vista contrário.

Existem muitas formas de trabalhar esses elementos coesivos, as tirinhas de Mafalda, pode tornar-se uma estratégia de ensino.

4. A utilização das tirinhas de Mafalda como estratégia pedagógica por meio de coesão textual

A opção pelas tirinhas de Mafalda se dá devido ao diferencial apresentado nas tiras em que os autores narram uma história em que sempre enaltecem um herói que aparece para salvar as pessoas. As tirinhas de Quino revelam a intenção de abordar a problemática social, sugerindo críticas e levando julgamentos; trabalhando, dessa forma, com a ironia. Mafalda não é uma heroína. É uma anti-heroína. Não aparece para salvar as pessoas, aparece, na verdade, para criticar comportamentos e situações, bem como para pôr a sociedade em questionamento.

Nos livros didáticos, não são raras as intervenções das tirinhas, complementando uma informação, ilustrando uma situação ou introduzindo um assunto. É um recurso que traz amplas possibilidades e abordagens, LUYTEN (1985, p. 8) que afirma que:

Os quadrinhos exercitam a criatividade e a imaginação da criança quando bem utilizados. Podem servir de reforço à leitura e constituem uma linguagem altamente dinâmica. É uma forma de arte adequada a nossa era: fluida, embora intensa e transitória, fim de dar espaço permanente às formas de renovação.

Alguns conceitos que a autora utiliza para discorrer sobre a efetividade do ensino pelo uso dos quadrinhos, merecem destaque. O exercício da criatividade e da imaginação vem ao encontro não só da leitura da escrita nos quadrinhos, mas de a possibilidade das histórias em quadrinhos também ser uma manifestação de arte. Campos e Lomboglia (*apud* LUYTEN, 1985, p. 10) descrevem o papel dos quadrinhos ao longo da história da humanidade e dizem ser uma “expressão artística constituída de dois tipos de linguagem” em referência ao texto e às imagens unidas em só meio. Com tantos conhecimentos aplicados pelos desenhistas em tão pouco espaço, é que os olhares se voltaram para seu uso na educação. Silva (*apud* LUYTEN, 1985, p. 59) assevera que os quadrinhos:

Passaram a ser um instrumento de ensino para adultos e principalmente crianças. E tratam de assuntos os mais diversos, como matemática, comunicação e expressão, “ciências físicas e biológicas, história, moral e civismo, religião e outros temas de interesse da escola.

As tirinhas de Mafalda contêm texto rico de inferências, coesão e coerência, apresentam-se como um gênero ideal para se debruçar sobre as formulações implícitas e estudar os mecanismos de coesão textual presentes, o professor pode usar essas tirinhas na sala de aula, apontando os mecanismos nelas presentes. Dessa forma, o aluno compreenderá melhor tais mecanismos, pois esse tipo de texto atrai o leitor tornando o aprendizado mais prazeroso.

Nos livros didáticos, as tirinhas têm aparecido com bastante frequência, atuando como desencadeador de reflexões sobre o funcionamento da língua numa atividade de compreensão textual.

Na atividade de compreensão, geralmente partimos das informações textuais (que o autor ou falante dá no seu discurso) e informações não textuais (que nós, como leitores, colocamos no texto ou que fazem parte de nossos conhecimentos ou da situação em que o texto é produzido). Com isso construímos sentidos (inferimos conteúdos) e estabelecemos uma dada compreensão do texto. Portanto, podemos admitir que a compreensão textual se dá em boa medida como um processo inferencial, isto é, como uma atividade de construção de sentido em que compreender é mais que extrair informações do texto: é uma atividade de produção de sentidos... compreender é agir sobre o texto (MARCUSCHI, 1996, p. 74)

A linguagem das tirinhas de Mafalda pode se apresentar de várias formas das mais simples às mais complexas. Porém, pode se dizer que no momento em que um sujeito tem contato com a linguagem das tirinhas, seja em uma revista, no jornal ou qualquer outro meio, é a união de sistemas de linguagens diferentes – cada uma com suas regências específicas – que primeiramente chama sua atenção: a imagética, reunindo as noções de perspectiva, simetria, hachuras, pinceladas, tonalidades, contornos, cores etc. E a textual, que engloba a gramática, a sintaxe, sistemas morfológicos e outros.

Portanto, fica clara a contribuição positiva das tirinhas de Mafalda como estratégia de ensino por meio da coesão.

5. *As tirinhas de Mafalda: o corpus*

Antes de falar sobre a personagem Mafalda, é importante mostrar a biografia de seu autor, Quino, ou Joaquim Salvador Lavado, que nas-

ceu dia 17 de julho de 1932 na cidade de Mendoza (Argentina). Recebeu o apelido de Quino desde pequeno. Na década de 80 ele perde sua mãe e seu pai. Em 1960, casa-se com Alicia Colombo. Em 1963, lança seu primeiro livro de humor, Mundo de Quino, uma recompilação de desenhos de humor gráficos mudos. Em 1964, aparece Mafalda pela primeira vez e a partir daí foram lançados vários livros na Argentina e no exterior. Viajou vários países divulgando seu trabalho e recebeu diversos prêmios de nível internacional, entre eles o de desenhista do ano, em 1982. Seus personagens são: Mafalda, a principal, Papá, Mamá e Susanita.

5.1. Análise do corpus

Para realização deste trabalho foram selecionadas quatro tirinhas de Mafalda, portanto tem como objetivo na análise: a demonstração dos mecanismos coesivos nas tirinhas, bem como seus efeitos humorísticos sobre os leitores, podendo ser utilizada como estratégia pedagógica. Considerando-se, ainda, outros aspectos que acompanham a tirinha, como o contexto, a relação com outros textos e personagens discursivos.

Neste breve estudo serão apresentadas as tirinhas e, em seguida, as suas respectivas análises:



Fonte: <<https://leituramelhorviagem.wordpress.com/2013/02/01/tirada-do-dia-mafalda-6/foto-tirinhas-mafalda-15>>

Tira -1

Esta tira apresenta como personagens Mafalda e seu pai.

A tira é iniciada por um meio de comunicação: o rádio, demonstrando as notícias que já foram ditas pelo locutor, isto é, o locutor faz uma retomada ao que fora dito quando disse: ... E este foi o panorama das notícias do mundo. A conjunção *e* liga a 2ª oração a anterior. No 2º, Mafalda sai apavorada e surge um ponto de interrogação quando houve a

interjeição *AAAAAAI!*. No 3º, Mafalda chega bem próximo ao globo, fazendo entender que está procurando a origem do locutor da interjeição. No 4º, Mafalda está correndo isso faz entender que ela ainda não encontrou o emissor de tal interjeição, mas continua a procurar. Já no último quadrinho, encontra o emissor e se mostra indiferente ao ver seu pai com o dedo machucado, dando a ideia de que se preocupa mais com os problemas do mundo do que com o seu pai. Ao dizer: “Ah...pensei que era o mundo **que** estava reclamando”, observa-se que o 2º **que** (pronome relativo) é anafórico, pois refere-se ao mundo. O humor, nessa tira, se dá pelo fato de Mafalda procurar o emissor da interjeição *AI*, no globo como se ele falasse, portanto este humor só se concretiza quando ela descobre o autor de tal interjeição. Observa-se aqui o anafórico **que** o qual contribui para o humor na tirinha.

Observe o exemplo a seguir:



Fonte: <http://kdimagens.com/imagem/pensar-que-este-e-o-mesmo-sol-que-iluminou-shakespeare-917>

Tira -2

Observa-se, nessa tira de Mafalda, o uso do recurso catafórico quando Mafalda diz **este** sol. Usou-se o pronome relativo **que** para ligar a 1ª oração à segunda. No 2º quadrinho, temos um caso de elipse do verbo iluminou isso é um recurso coesivo que traz leveza ao texto. Nesse caso, não há repetições do mesmo verbo, portanto propiciam ao leitor o desenvolvimento contínuo da ideia, na medida em que recupera o sentido presente no 1º balão do 1º quadrinho, o que nos faz entender que Mafalda está dizendo que Pasteur, San Martin e Bach também foram iluminados pelo sol. No 4º, Mafalda faz uma retomada o primeiro e mesmo não usando nenhum mecanismo para mostrar isso o contexto nos leva a entender que ela está se referindo ao sol. O humor se dá no último quadrinho quando Mafalda aparece ajoelhada e fazendo uma súplica ao sol di-

zendo: *Contagie-me!* Deixando subentendido que o sol teria sido o responsável pelo sucesso destes grandes homens: Shakespeare, Pasteur, San Martin, Bach.



Fonte: <http://peloburacodaagulha.wordpress.com/category/tirinhas/>

Tira -3

Nessa tira, aparecem os personagens Susanita e Mafalda. A tirinha é introduzida por Susanita. No 1º, elas estão conversando sobre os pobres, isso ocorre pelo fato de que *Ora*, nesse caso funciona como um conectivo de argumentação de Susanita, e também responsável pela concatenação entre os segmentos do texto. Observa-se que o *porquê* aqui denota a causa de eles serem pobres. Portanto, constitui-se um mecanismo coesivo. Quando Susanita diz: *use a cabeça, sua tonta, use a cabeça!* pode-se inferir que para ela, Mafalda não raciocina. Percebe-se que antes da fala de Susanita, Mafalda estava defendendo seu ponto de vista a respeito de pessoas de classe baixa, uma vez que Susanita diz: *você não entende que são pobres porque querem?* No 2º, aparece como mecanismos o articulador *onde*, que nos faz entender que Susanita está se referindo aos barracos onde moram os pobres.



Fonte: <http://infinitosmomentos.wordpress.com/2008/02/26/a-importancia-do-dedo-indicador>

Tira-4

No 1º quadrinho, Mafalda se mostra surpresa e observa seu dedo indicador. Ao dizer: *É incrível a importância do dedo indicador!* no 2º, a personagem Mafalda utiliza-se do conectivo *e* para ligar uma oração a outra. No 3º, Mafalda usa a interjeição *AAAAAH!* No último quadrinho, com o emprego do pronome *esse*, faz uma retomada ao que havia mencionado antes, dessa forma, utilizou-se o recurso anafórico. O humor presente na tirinha refere-se ao fato da personagem Mafalda atribuir, no 1º quadrinho, poder ilimitado ao dedo indicador. Observa-se, nessa tira, a importância do anafórico para o efeito de humor.

Pode-se dizer que em todas as tirinhas analisadas os mecanismos de coesão aparecem como fator importante para sua compreensão, e contribuem para o efeito de humor, embora não sejam suficientes para garantir a coerência a comicidade, tais elementos são indispensáveis, pois o leitor só consegue achar graça, se compreender o sentido das tirinhas.

6. Considerações finais

Nas tirinhas analisadas, observamos que a presença dos elementos coesivos constitui atores importantes para a compreensão do texto. Constatamos que a coerência se estabelece na dependência de uma multiplicidade de fatores passando a ser percebida como um princípio global de interpretabilidade do texto. Estudamos o papel da coesão no processo interpretativo e verificamos que, apesar de sua importância para o estabelecimento do sentido, sua presença não é indispensável, nem suficiente para produzir a coerência ou a comicidade de um texto. Percebemos claramente esse fato quando utilizamos esses recursos linguísticos de forma inadequada. O uso incorreto ou a falta de elementos de coesão têm efeitos perturbadores, podendo tornar o texto incompreensível para o leitor. E, se o leitor não compreende o sentido do texto, não acha graça alguma, por isso podemos afirmar que os elementos de coesão contribuem para o estabelecimento do humor no texto. Tudo o que está inscrito numa página em que o material linguístico figure como imagens, ou tudo o que nela deixa de ser registrado, torna-se determinante na construção do sentido cômico.

É importante frisar que, o leitor, para compreender a comicidade contida nas tirinhas, deve compartilhar com o escritor o conhecimento sobre o assunto abordado. O autor, para atingir seus objetivos, pressupõe que o leitor compartilhe desse conhecimento. As tirinhas de Mafalda podem ajudar no aprendizado do aluno pelo fato de que o personagem é uma criança com atitudes muito além de seu tempo que, com sua visão crítica do mundo, despertará o interesse do aluno pelo conteúdo, neste caso a coesão.

Nas tirinhas analisadas em que foram destacados os mecanismos de coesão, concluímos que a função dos elementos coesivos pode ser diferente dependendo do contexto em que estiver inserido, por isso é preciso conhecê-los para usá-los adequadamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábolas, 1937.
- COSTA VAL, Maria das Graças. *Redação e textualidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2002.

FIORIN, José Luiz; PLATÃO, Francisco. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1995. [Outra edição, 1997].

KOCH, Ingedore Gunfeld Villaça. *A coesão textual*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

LUYTEN, Sonia Maria Bibe. *História em quadrinhos: leitura crítica*. São Paulo: Paulinas, 1985.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. *DLCV: Língua, Linguística e Literatura*, João Pessoa, vol. I, n. 1, p. 9-40, 2003.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: M. Books, 2005. Disponível em: <<http://www.mafalda.net/ptdarsteller.php>>. Acesso em: 03-08-2010

VALENTE, André (Org.). *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes, 1999.

WEINRICH, Harald. *Srache in texten*. Tradução espanhola por: Klett Stuttgart. Language texts. Madrid: Gredos, 1973.